

1

Fascinação

Substantivo feminino, a palavra “fascinação” significa ação de fascinar, atrair, cativar; ou ainda se enquadra também como encantamento, enlevo, ilusão, deslumbramento. Note-se a abrangência das definições e seus derivados. Essa breve apreciação nos faz perceber que podemos nos encantar, cair num deslumbramento – que pode ser até exagerado e irracional – e viver uma ilusão, atraídos ou cativados que fomos por uma ideia, uma pessoa, um ideal, uma causa.

Por força de um deslumbramento irracional – sem o cuidado de analisar ponderadamente –, poderemos ter grandes perdas materiais, inclusive, e nos depararmos com rupturas lamentáveis e mesmo tragédias passionais. Os efeitos desastrosos poderão ocasionar desequilíbrios mentais e psicológicos graves, em que se enquadram as citadas rupturas em diferentes segmentos do cotidiano humano.

Como é fácil de deduzir, muitos relacionamentos e supostas conquistas – inclusive materiais – sofrem os efeitos danosos de um encantamento que, no futuro, trará decepções e lamentos, frustrando expectativas e anseios nobres, quando sofrem as ilusões do deslumbramento que, em outras palavras, também significa ficar ou estar fascinado.

Nosso propósito aqui não é condenar ou julgar. O foco é específico na utilização do conhecimento espírita, especialmente na prática espírita, embora não exclusivamente mediúnica. Especialmente, visamos à prevenção de processos obsessivos mais graves que avançam na direção da fascinação, conforme tão bem trazido por Kardec em *O livro dos médiuns*, em capítulo que utilizaremos na sequência da obra. A segunda obra da Codificação Espírita, lançada em 1861, em seu capítulo XXIII, “Da obsessão”, o codificador apresenta-a especificamente no item 239, que desdobraremos mais adiante.¹

O tema é instigante e ensejou a publicação de várias obras, mediúnicas ou não, para estudar e prevenir a instalação desse doloroso processo no indivíduo ou mesmo em grupos, como veremos. Autores consagrados se dedicaram ao estudo do tema, que de forma alguma se esgota, dada a variedade das ações e iniciativas humanas, tanto de encarnados como de desencarnados. A presente obra se soma apenas ao precioso acervo já disponível, motivada pelo item 10, “Os falsos profetas da erraticidade”, constante do capítulo XXI, “Haverá falsos cristos e falsos profetas”, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

1 Nota do autor: Todas as transcrições de *O livro dos Espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo* e *A gênese* foram extraídas das edições on-line da Federação Espírita Brasileira (FEB). Mantivemos os grifos em itálico dessas edições e acrescentamos alguns. No capítulo “Referências”, ao final do livro, constam todos os dados destas e de outras obras utilizadas neste estudo.

O processo de instalação da fascinação é sutil, razão pela qual merece nossa atenção, para não cairmos nessa armadilha, que é uma verdadeira algema moral. Sugerimos, inclusive, que nos analisemos, que paremos para pensar e perguntar a nós mesmos se nosso comportamento não caracteriza a presença de um certo deslumbramento com determinada circunstância ou situação. Da mesma forma, devemos observar grupos, até mesmo aqueles dos quais estejamos participando, porque sendo sutil esse processo, normalmente, passa despercebido. Sem essa autoanálise, de uma hora para outra, começamos a achar que só nós somos os corretos, os insubstituíveis, que fomos os escolhidos, que nunca erramos e que somente os outros é que erram, que somos os detentores da verdade ou condutores exclusivos de uma ação; ou ainda passamos a nos sentir privilegiados ao ponto de sermos os únicos detentores de uma suposta revelação.

O subtítulo da presente obra – *causas e consequências* – indica a ocorrência que é mais comum do que se imagina nas reuniões mediúnicas: a falta de conhecimento dos princípios da ciência espírita. Os abusos praticados por Espíritos ou médiuns que se iludem sobre vários fatores, portanto, é uma das causas de fascinação, alimentadas normalmente pela vaidade ou pelas tentativas de autopromoção pessoal, nas ilusões próprias da condição humana.

Não se assuste, caro leitor, com a informação acima de “abusos praticados por Espíritos ou médiuns que se iludem”, pois somos ainda uma humanidade em luta pela conquista da identidade própria. Não nos identificamos completamente com nossa autêntica natureza, origem, finalidade da vida e nosso destino glorioso que nos aguarda. Estagiamos ainda no aprendizado, e

nossos limitadíssimos e carentes pontos de vista, muitas vezes, nos iludem com pretensões descabidas.

Espíritos e médiuns são seres humanos. Aqueles estão desencarnados, embora os encarnados também sejam Espíritos. Médiuns, igualmente, são pessoas em aprendizado contínuo. Antes de serem médiuns, com ou sem conhecimento, são pessoas frágeis como quaisquer outras. E os Espíritos que já habitam o plano espiritual, igualmente, estão em luta pelo próprio progresso intelecto-moral, emocional e psíquico.

Assim, por força de nossas fragilidades, moral, emocional e psíquica, utilizamos, como qualquer outra pessoa, mecanismos que só a imaturidade pode justificar. Falta ainda muito aprendizado em tudo isso, e não raro a mediunidade é confundida em seu aspecto prático de uso e finalidade. Por isso, é preciso estudar. Estudando, nos libertamos de ilusões, não nos deixamos seduzir por paixões variadas – porque aí vamos as conhecendo – e nos defendemos contra a ação nociva daqueles que em condições normais são invisíveis para nós – os Espíritos –, mas nem por isso menos reais. Vivemos num intercâmbio recíproco permanente.

É fascinante pensar nisso e em seus intensos desdobramentos. No entanto, para aprender tudo isso, é preciso dedicar-se aos estudos do Espiritismo, meditar sobre seus postulados, a fim de compreender que a vida é um processo dinâmico de interação e continuidade, assim como que a vida física, temporária de alguns decênios, é apenas um estágio no contexto gigantesco da evolução. Nesse contexto está a mediunidade, nem sempre compreendida e muitas vezes mal utilizada.

Então, na finalidade da presente obra, pretendemos motivar o leitor a aprofundar-se no assunto. Indicaremos obras, faremos

algumas transcrições – sempre citada a fonte – para estarmos prevenidos da possibilidade de fraudes, distorções e mentiras, sempre tão prejudiciais ao entendimento geral, gerando comportamentos inadequados com prejuízos ao Movimento Espírita.

A Doutrina Espírita não sofre prejuízo pela ação corrosiva de adeptos sem conhecimento ou despreparados. Ela é íntegra. O Movimento Espírita, porém, sofre, porque é confundido pelo grande público com o Espiritismo. Espiritismo não se restringe a falar com Espíritos ou fazer e receber passes, nem tampouco fazer palestras, escrever livros ou simplesmente frequentar uma instituição ou dirigi-la. Espiritismo é, antes de tudo, uma proposta de renovação do ser, a partir do próprio conhecimento de quem somos, de onde viemos, para onde vamos e qual a finalidade de viver.

Convidamos o leitor a esse convívio de reflexões na sequência dos capítulos. Você já parou para pensar sobre a existência de falsos médiuns ou falsos mentores espirituais? Eles existem, e se não tomarmos cuidado, estaremos dominados pela astúcia desses Espíritos enganadores, que se aproveitam da ingenuidade e do desconhecimento de médiuns e dirigentes, impondo suas ideias e submetendo-os à sua vontade em um processo de obsessão.

Este é o tema do livro que o leitor tem em mãos.